

Feitic

Uma Jornada Mística Pela Imagem do Verso

Adriana Brindeiro & Heldemarcio Ferreira

Copyright® Editora Cadena, 2021.

Copyright® Heldemarcio Ferreira.

Copyright® Adriana Brindeiro.

Editora Cadena:

Felipe Cadena

Projeto gráfico, capa e diagramação:

Felipe Cadena

Ilustração:

Adriana Brindeiro

Digitalização de Imagens

Cristiano Gonçalves de Melo

Revisão:

Adélia Coelho

feitiço (Uma Jornada Mística pela Imagem do Verso),
Heldemarcio Ferreira, Adriana Brindeiro. - Recife: Editora
Cadena, 2021. 56p.

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia 3. Crônicas poéticas.

I. Ferreira, Heldemarcio. II. Brindeiro, Adriana. III. Título.

Sumário

Capítulo 1

- Balé das Baronesas
- Borboletras
- Flor de cáctus
- Arborescência
- Guardiã (Pantera Negra - O Feminino Sagrado)
- Diante do mar
- Maihehai
- A miragem da fada azul
- Almíscar I
- A mulher nascida para ser livre


Capítulo 2

- No seio do ser
- Avatar
- Brígida
- Musa Iluminata
- Feitiço (Rayssa)

- Indômita
- Errante
- Medusa
- Diamante
- Tainara
- Lua (cântico lunar)

Capítulo 3

- Floresta Brasil
- A magia da dança e da poesia
- Oráculo
- Eslesia
- Peculium
- Sem Razão
- Sartreano
- Aliteração
- Alma nua
- Guru dos mangues
- Instinctus



Quando se fala ou quando se escreve, não é nunca para transmitir tal qual e intacta uma verdade já pronta.
Fala-se e escreve-se para lançar sementes no espírito do outro que ouve, que lê.

Pouco importa aquilo que o artista ou o autor ‘quis’ realmente dizer. O essencial está em outro lugar. Na fecundidade da obra, em sua capacidade de suscitar pensamentos novos, belos e verdadeiros.” (Marc Havély)

Nesse contexto, o livro apresenta uma jornada fictícia na qual a artista, “autora das pinturas”, e o escritor, “autor dos poemas”, com todo o esmero próprio do lirismo, se dedicaram a desvelar a magia do feitiço que enleva esta imagética obra, repleta de significados que podem ser aos poucos percebidos em seus insidiosos e surpreendentes encantos.



Prefácio

No tear da vida, o fiandeiro tece suas redes de pesca com malhas miúdas ou graúdas, vislumbrando o tamanho do peixe que deseja pescar. Num lance preciso com sua tarrafa de trinta e cinco pontos, Heldemarcio Ferreira acerta em cheio o cardume de leitores amantes da poesia, brindando-nos com o seu FEITIÇO, obra primorosa com poemas escritos e pintados, numa viagem mágica que dialoga com a alma de quem se permite sair do lugar comum e navegar nas águas do imaginário poético do livro.

A experiênci a imagética de cada cena revelada no portal aberto aos olhos de Heldemarcio, remete-me imediatamente para o universo da ayahuasca, em que se consegue perceber a beleza dos mistérios de cada paisagem guardada em sua essência. É isto que nos oferecem os autores. No meu entendimento, a Adriana Brindeiro sai da esfera de simples ilustradora e se insere na condição de coautora com os traços poéticos da sua pintura enxuta.

Na tentativa de escolher um verso ou uma estrofe para destacar a força e a beleza das imagens que cada poema apresenta, percebi que este livro é simplesmente indivisível. Cada palavra é uma malha integrada à pintura e cada verso sugere música com compassos divinos, permitindo-me reviver momentos especiais de imersão na minha floresta amazônica.

A inserção da prosa elucidando contextos da viagem poética, lembrou-me o momento em que a garapa de cana na fôrnalha do alambique transforma-se em aguardente e, posso afirmar, que esta safra é especial e nos incita a cada página fazer um brinde especial ao Feitiço.

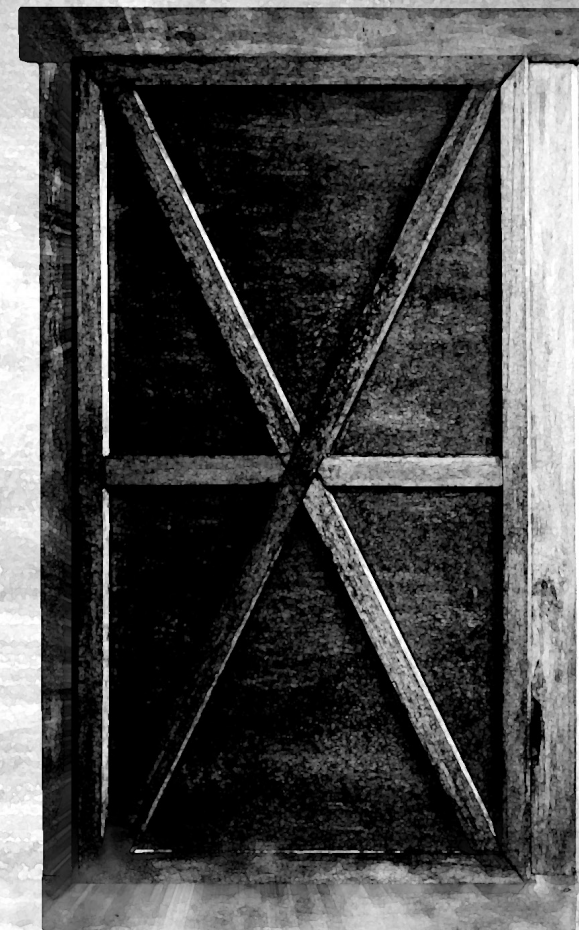
Heldemarcio conclui sua obra de forma magistral com o poema de Manoel de Barros e como um velho canoeiro que sabe o jeito de remar em busca dos cardumes, emite lampejos de sabedoria para refletirmos o sentido primordial de existir neste mundo conturbado. Viva a poesia de Heldemarcio e a pintura de Adriana. Boa viagem!

Celso Braga
Professor, poeta, músico e compositor.

Preâmbulo

Não sei se fora um delírio, um sonho ou, quem sabe, uma projeção de realidade alternativa. Os “fatos” que por ora passo a relatar foram “vivenciados” por uma personagem bem peculiar, e sobre a qual ousou dizer que ainda sei muito pouco. Por outro lado, essa figura é dotada de uma consciência transcendente que serviu de guia nessa jornada repleta de revelações e reflexões. Paradoxalmente, posso afirmar que a personagem me é tão “estranhamente” familiar que até poderia jurar ser uma extensão ainda desconhecida de minha própria pessoa ou da minha alma.

Poderia ter começado num rio ou manguezal, mas foi num flat próximo ao mar de Maracáipe, no litoral sul de Pernambuco. Tudo parecia um dia normal e tediosamente comum, não fosse por uma desprestigiada nuance. Havia um portal de madeira rústica, por sinal uma instigante peça de artesanato, cravado na parede do mezanino. Ao fixar o olhar para esse adorno, aparentemente decorativo, uma pergunta surgia insistentemente na minha mente, já um tanto obnubilada por seguidas taças de vinho tinto e pelo estímulo inebriante da música e da poesia que inundavam o ambiente, entorpecendo o corpo, a alma e a própria vida àquela altura. A pergunta era “Estás disposto a atravessar o portal mágico?”. Estaria eu pronto para decifrar tal enigma?



Nesse exato momento, fui tomado por uma súbita vertigem e, após alguns instantes atordoado, olhei em direção à parede e “vidiei” aquele portal se abrir diante de mim. Então, senti que não era mais a minha persona que se fazia notar. Uma figura feminina que acabara de adentrar num vasto e colorido vergel, no qual se podia perceber uma trilha formada por penedos, a qual apontava para um caminho inusitado. A personagem, na qual me encontrara investido, começou a avançar, com passos lossos, pela trilha à sua frente, iniciando uma jornada de natureza insólita numa dimensão que não me arrisco a nominar.

Capítulo 1

Arborescência



Após caminhar por algum tempo,
que não pode ser mensurado
por qualquer tipo de cronologia
convencional, eis que ela se deparou com um
estranho lago de águas escuras e fétidas.
o local se encontrava repleto de plantas
aquáticas, dotadas de flores na cor lilás e de
grandes folhas verdes em formato de con-
chas que pareciam dançar sobre as águas.
Aquela cena suscitava certa inquietude
e ansiedade pela ideia subjacente que a
viajante concebia naquele ensejo. Era o
panorama insidioso do balé das baronesas,
no qual imergira num mergulho profundo e
insólito.



Balé das Baronesas

Uitória régia, rainha-dos-lagos
O Aguapé, jacanã, cará-d'água
Oxibata dos plebeus e fidalgos
Flor de lótus suspensa na água.

Todos na dança das baronesas
Iapunaque-uapê, folha sagrada
Que ajuda a filtrar as impurezas
No espelho da alma degradada.

Um olor abjeto de sua fragrância
Que exala o fedor de seu aroma
Reflete o mortal em sua jaclância
Sua soberba espriada no rizoma.

Sobre a água da lagoa se estende
Um tapete flutuante e raro abrigo
Para os seres que a luz transcende
Como o refúgio natural do perigo.

A praga infestante, fluvial e lagunar
Se prolifera e abastece dos esgotos
A planta daninha que consome o ar
Abarca rejeitos, dejetos de escrotos.

Algas sem almas sob inflorescência
Bailam nas águas fétidas e poluídas
Mas, as baronesas e sua resiliência
Suprem alimento às vidas excluídas.





Tendo sido superada a primeira travessia, a solitária andarilha prosseguiu em sua jornada, ainda refletindo sobre o que acabara de deixar para trás. A última sensação aos poucos foi sendo atenuada ao perceber, logo adiante, um cenário bem menos perturbador. Era um belo e convidativo jardim, povoado por enormes borboletas de vários matizes que o adornavam numa miríade de cores ao sobrevoar com perfeita harmonia aquilo que, aos seus olhos verdes, pareciam ser douradas flores de cactus.

Borboletas

Bordo letras
líricas
no tecido
dessa tela
virtual

Borboletas
rítmicas
no somido
dessa dança
visual

Uão rasante
ar raso
sufocando
o gemido
A deus.

Flor de cactus

O meu coração cigano diz
que na raiz de todo ser humano
corre a seiva da felicidade

O meu sentimento é visceral
ao ser natural, e por assim dizer
a poesia d'uma flor de cactus

Não existem alegria ou tristeza
que à natureza não reflita
na sua rara e exuberante ária

Flor primária que em si encerra
sobre a terra e lama em que existe
cada ser em seu ardor e habitus.



Dessa profusão de sensações, pelas
quais nossa personagem era
acometida, um misto de alegria
esfuziante e de uma consciência emotiva
perpassava profundamente o seu âmago e
a instigava a prosseguir mais determinada
em sua jornada de revelações e, acima
de tudo, de autoconhecimento. Era como
se dentro de si algo estivesse em plena
arborescência.

Arborescência

Ser é mais do que existir
No passar do tempo até o ocaso
Estar sobre a terra e seguir
Na trilha traçada pelo acaso

A cada um cabe o poder
Para fecundar o chão
Espraiar suas raízes, florescer
Semente de vida em grão

Que por milagre se replica
Na seiva que corre no ser vivo
Por onde a espécie personifica
E retém o puro elo primitivo

Os pares parecem quase iguais
Quando se abstrai das diferenças
Em toda relva há esses sinais
À despeito das visões e crenças

Quem sabe o que reserva o amanhã
Da vasta flora em arborescência?
Do broto à frondosa árvore anciã
O que os une e separa em essência?



Maravilhada pela imagem bucólica e agradável daquela paragem, nossa viajante não se dera conta que o dia começara a escurecer, tornando a viagem mais arriscada por aquele território desconhecido, no qual se aventurara. Era preciso se apegar a algo que dissipasse o medo e lhe propiciasse um respaldo de segurança. Quando os raios de sol não mais entravam na densa floresta, surgiu à sua frente um belo felino de olhos verdes e pele negra que se confundia com a escuridão predominante, mas sem qualquer intenção de ameaça.

Aquela pantera negra lhe transmitia uma inusitada sensação de confiança, como se a esplêndida criatura fosse uma espécie de guardiã, gerada de suas súplicas.

Guardiã

(Pantera Negra - O Feminino Sagrado)

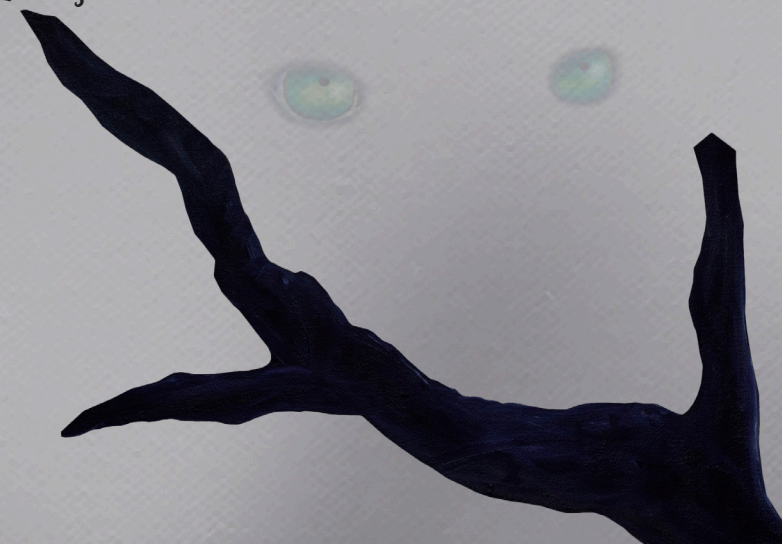
Em um universo tão vasto e obscuro
Repleto de segredos e de significados
A aura mística, primitiva que procuro
É isenta de quaisquer culpas e pecados

D'uma simbólica criatura que se elege
Como defesa ante o mal que se inflige
Essa fera é a guardiã que me protege
Da ameaça que por vezes me aflige

Pelo olhar sereno e atento na vigília
De um animal felino de postura nobre
Pantera negra, floresta noturna e idílica
Ágil ao perigo, quando ela descobre

A força misteriosa da cura espiritual
Dissipa ilusões que as sombras trazem
No poder invisível de um totem sensual
O feminino sagrado e sua energia zen

Sob a nudez da lua, o seu poder revela
E ascende à escuridão que nos invade
A pantera surge exuberante nessa tela
Em imagéticos olhos verdes de verdade.





A girata prosseguiu “noite” adentro pela floresta escura até um novo “amanhecer”. Durante toda a trajetória, a nossa viajante se sentia protegida por sua guardiã, até se deparar com uma nova paisagem deslumbrante que confirmava toda a exuberância da mãe natureza. Ela estava diante do mar, e nesse cenário a lembrança de Maracaípe foi inevitável. Uma ciranda, adornada por um mantra, podia ser ouvida ao longe, mas a sua fonte era incerta, talvez fosse um resgate de suas memórias lúdicas da infância.

Diante do mar

Diante do mar
Colhi as estrelas na areia
O sol radionizante no ar
De eflúvios nos incendeia

Diante do mar
Caymmi se fez um rei
Nas cantigas a me embalar
Caí e me inspirei

Diante do mar
Meu corpo se doura na praia
Meus olhos a comparar
Espuma e renda de cambraia

Diante do mar
Dancei a ciranda de Lia
Os pés descalços a preamar
Tocando a vida à revelia

Diante do mar
Antes que o mal aconteça
Serei feliz para amar
Com todo bem que eu mereça

Diante do mar
No horizonte diviso o infinito
Não há quem possa alcançar
A amplidão do que eu acredito.

Maikekai

Maikekai, Maracaípe!
O som do mar faz o convite.
Maracaípe, Maikekai!
E, sem demora, a gente vai...





Ai nda diante daquele belíssimo e vasto mar, nossa personagem se depara com outra visão encantadora. Era um ser de luz que se formava da mistura entre os azuis celeste e marinho e ascendia à sua presença exibindo um sorriso terno e acolhedor. Estava ela defronte de uma deusa? Seria Iemanjá ou uma fada? Ou seria apenas uma miragem? O “fato” é que aquele ser não disse nada, além de sorrir e irradiar as suas pétalas de luz que inundou de poesia e encantamento a trilha ignota.

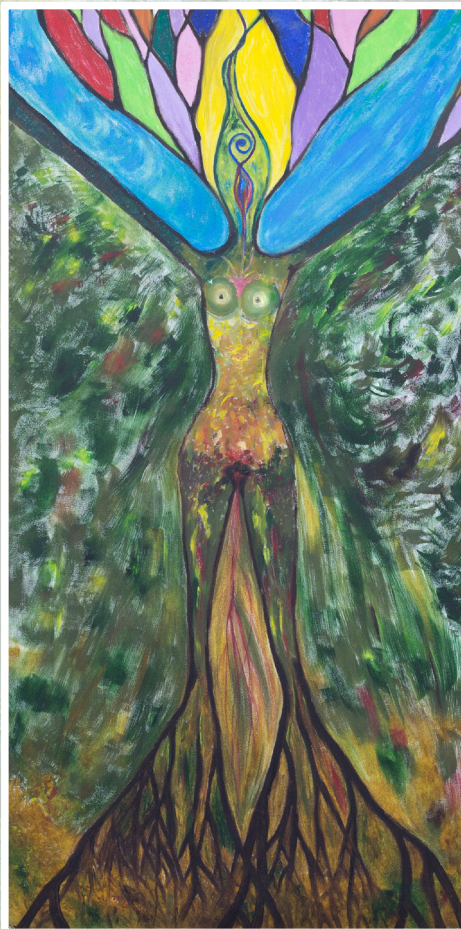
A miragem da fada azul

Estendia o azul de suas vestes
aos vastos oceanos celestes
Nuvens e ondas, singram olhares
na vagueza de seus navegares...

Como uma quilha corta os mares
e uma estrela ascende aos ares
Que desse azul se faça encantada,
feita a miragem da fada azulada!

De norte a sul todo azul se alastra:
o austo que a palavra não traduz!
A fausta fada, cujo riso não aplastra,
derrama feliz suas pétalas de luz...

Aqui (de meus olhos, bem diante)
impressões visuais do poeta blue
Agora (ad aeternum, no instante)
induições virtuais d’uma fada azul.



A experiência da fada azul marcou de forma indelével o espírito de nossa personagem que continuou a sua jornada sentindo uma imensa paz interior. Ao cair da tarde, supostamente imaginada daquele segundo dia, um perfume exalava de dentro daquela floresta misteriosa e a invadia como se de sua alma quisesse se apossar. O aroma do almíscar prevalecia ao redor, e dentro de si incitava um clima de melancólica nostalgia. Esta foi a primeira vez em que me dei conta de que a viajante era eu. Além disso, percebia claramente que a natureza buscava, através de mim, dar o seu grito de liberdade.

Almíscar 1

Alma minha febril e libertária
Só o torpor do perfume anestesia
Uma ilusão remota de saudade
Que meu coração partido silencia
Os sonhos da minha mocidade
Tolos arrebatos de fé humanitária

Almíscar flagrante no olfato
Fragrância que me toma por inteiro
Um sentimento distante e incerto
Daquilo que seria o verdadeiro
Revelando o meu ser a céu aberto
Trago do aroma o encanto abstrato.

A mulher nascida para ser livre

Em seus pés como raízes
Filha da terra e da natureza
Frutos e flores brotam felizes
A liberdade é a sua realeza

Cada parte de um todo vibra
Nessa energia que emana
O ser que traduz em sua fibra
A libertação para o nirvana

Na plenitude da paz interior
Ego a transcender na dialética
Qualquer argumento inferior
Submisso à sua ânsia eclética

Assim como o ocaso anuncia
O rebrilhar da noite pelo dia
Nasce livre o ser que renuncia
É da mulher a luz que irradia.

Capítulo 2

A musa iluminata



A revelação da identidade da personagem aguçara meus sentidos para as próximas surpresas e percepções que aquele ambiente ainda propiciaria. Embora estivesse convencido da possibilidade de estar inserido na persona da viajante, como se aquela figura fosse meu avatar, também me sentia atraído pela beleza que ela emanava, fora de meu alcance. Era como se do meu âmago, uma certeza abstrata do ego propiciasse um prazer de autoconhecimento. Algo que poderia se assemelhar a um orgasmo sensorial e inédito que emanava do seio do ser.

No seio do ser

Sempre sei o que loco
Não troco sílabas à toa
Se tal pessoa me alrai
Quem vai atrás, sou eu.

Jamais moveu o anseio
Passeio pelos desvarios
Em calafrios de frenesi
Quem de si enleva o ego.

Prego o prazer pelo tato
No contato dentre seres
Pois, deles se pode afluir
Ao fruir d'um gozo íntimo.

No átimo que não expira
À pira onde a flama arde
Sendo o alarde ao intuir
Um porvir no seio do ser.

Avatar

Arde em cada ser
O fogo a florescer
À sombra do avatar
Que habita temporário
Durante a sua jornada
Por sendas a desbravar

A luz de ser e estar
Brilha além do mirar
Persona a transcender
Que da alma se anima
Nessa trilha inusitada
Até o seu eu degradar.





Nunca em minha vida houvera me sentido tão perplexo, atônito e extasiado, diante de questões tão ambíguas e intrigantes. Estava inebriado, embora desorientado na minha condição de mero expectador, com tudo aquilo que se passava. Nada poderia fazer para esclarecer um pouco que fosse. Afinal, aquela viajante seria uma projeção de mim, mas com que finalidade?

Não tardou para que a trilha incidisse numa caverna, onde se percebia a presença de uma divindade. A Deusa dos cabelos de fogo e das faces tríades que se anunciara como Brígida. Ela chamou a viajante à sua presença e lhe falou sobre o que dela esperava durante a jornada. Abordou aspectos da alquimia, da arte e da transformação do ser, além da dualidade vida e morte. Foi uma longa explanação por temas que não possuo iniciação e, por conseguinte, fogem completamente à minha compreensão. A viajante ouvia atentamente e, ao final daquela preleção, recebeu uma chama das mãos da Deusa para iluminar a sua jornada.

Brígida

Esta vida a tudo transforma
Se não fosse ela a pura transformação
As cousas, os lugares e as pessoas
Todas as criaturas que Deus houvera concebido
Cresce cada ser que compreende a sina
Comovido pela inspiração que arde
Feito um fogo plácido e arrebatador
Deixe a serpente ser oráculo para os homens
Que seu veneno seja a cura ou a morte?
O saber revelado, a medicina e a alquimia
Tudo o que transcende este mundo dual
Numa dicotomia ambígua: Vida-morte-vida
A chama trina arde no coração de todos os seres
Uma miríade de cores nos cabelos de Brígida.





Wiajante deixou a caverna da Deusa e prosseguiu a sua rota serpentina pela encosta de uma montanha, desde o sopé até o cume, buscando vislumbrar o todo, uno e interior. O fogo aceso em suas mãos permitia a visão da trilha ao cair da escuridão no entorno. Na companhia única da guardiã, aquela mulher, por fim, se mostrara com toda a natureza da sua formosura. Uma diva feiticeira dotada de uma beleza descomunal que me fez resgatar na memória, todas aquelas mulheres pelas quais senti o fascínio da sedução arrebatadora. Inegavelmente, eu me encontrava apaixonado, como num feitiço, pela musa iluminata, cujo nome Rayssa (a líder e condutora) me pareceu perfeito.

Musa Iluminata

Os teus olhos gritam silentes
Toda força que trazes inepta
Na ânsia do ranger de dentes
Que a boca cala e intercepta

Como a rara aura que fascina
Torras o brilho da graça inata
Numa sutil fagulha feminina
Que a musa traduz iluminata

Só a lembrança alivia tua falta
Mas, não me bastam notícias
Da menina doce à mulher alta
Que cobri de afagos e carícias

Tua chama arde: fogo da vida!
É a magia dos deuses e orixás
Oyá que do amor se engravida
Que traz à luz: pedras e cristais.

Feitiço (Rayssa)

Eu sempre parti da premissa:
O amor não pode ser à toa
Ainda que que esteja omissa
Hei de encontrar a pessoa...

Como a rima da prosa aparece
Numa poesia que trago remissa
O sentimento que nos aquece
Por desejo da paixão submissa

Nesses lábios me perco na ânsia
E a minha nave carente aterrisa
Apesar de entender a distância
Sei bem do ser que me enfeitiça.



Meu avatar que acabara de denominar Rayssa, já dominava meus sentidos de mero mortal ignorante. Um leigo nas questões da espiritualidade ou do esoterismo. Contudo, movido por uma paixão indômita que me impelia a querer, a todo custo, aquela feiticeira guiando a minha vida de errante por toda a eternidade finita que ela pudesse durar, assim me entreguei.

Indômita

Ela não reconhece nenhum limite
Pois, é tão linda quanto se sente infinda
Ela fascina como a deusa Afrodite
Ainda assim, com seu vinho ela me brinda

Ela costuma seduzir com seu convite
Nada me blinda quando eu a vejo avinda
A excitação explode como a dinamite
Maravilhinda, a musa me deixa na berlinda

Entorpecido pelo que mais eu acredite
Celebro tal momento que não finda
No meu coração, palpitando um palpito

A aura feminina a todo resto prescinda
E a indômita paixão nos ressuscite
Para que a felicidade nos seja bem vinda.

Errante

A minha deusa é mais além
De bem ou mal, transcende a tudo
Tem conteúdo em plena forma
Não se conforma em ser bonita
Quem acredita ser possível?

A minha diva é mais que músculos
Por séculos moldada à perfeição
Com a afeição que ela me ensaja
Que eu seja dela sempre cativo
O meu motivo é a minha musa.

Como essas alegrias violentas
Sedentas a se consumir num beijo
Desejo ardente de fogo e pólvora
Metáfora de uma paixão tão forte
O norte para minha vida errante.





O feitiço de Rayssa era como o olhar
de uma medusa que me petrifi-
cava e consumia por inteiro. Um
sentimento avassalador e raro como um
diamante no mundo de grafite.

Medusa

Quando ela me apareceu
Com seu olhar de Medusa
O meu corpo estremeceu
Ao ver que não há recusa!

Perseu de lendas e mitos
Seduzido pela fera reclusa
Dionísio sussurra os gritos
Na caverna em Siracusa!

Petrificado, aqui aconteceu
E a mente sinaliza confusa
O perigo que me acomeleu
Beleza se espalhou profusa

Que fascinante essa musa
Impregnada por mistérios
De sua imagem à luz difusa
Caíram escudos e impérios.

Diamante

Minha mulher doce do povo
Desde a origem do seu nome
Agora e sempre, tudo de novo
Para se saciar a sede e a fome

Tantas palavras podem ser ditas
Mas, nenhuma delas será bastante
Se as lembranças fossem escritas
Nunca grafite se iguala a diamante

Aquilo que esse tempo não apaga
Por mais remoto em nossa memória
Que o coração anseia e a mão afaga
A gente há que viver para ser história.



Aconteceu que, em certa altura da jornada, a feiticeira revelou o totem pessoal que era o seu “guia” interior. A imagem fora refletida pelo espelho das águas límpidas de um riacho à beira da trilha de penedos. Era uma índia com o espírito de águia, cujo segundo nome me veio a mente como Tainara (estrela iluminada). Então, a lua se fez presente com todas as suas faces e fases, como quisesse se expressar por sinais. A índia Tainara fitou o céu embevecida e pareceu responder à lua, recitando um cântico de exaltação mavioso.

Tainara

A Lua e a estrela - a joia rara
E letras escorrem por meus lábios
No poema alusivo se tornara:
A fê em deuses, o lume de sábios...

Fêmea fatal que fere e acaricia
Um fogo que, em si, o aleu ateia
Linda miragem que atrai e vicia
Insinua a sedução, me incendeia

O desejo vai mais além da luxúria
Pelo saber da volúpia passadiça
Ainda que cativo, eu acato a fúria
Sigo a servir a diva que enfeitiça.

Lua (cântico lunar)

Se do teu brilho me encanto
E em ti me desmancho
Num sonho vivo sem fim?!
Será que um dia dirás sim

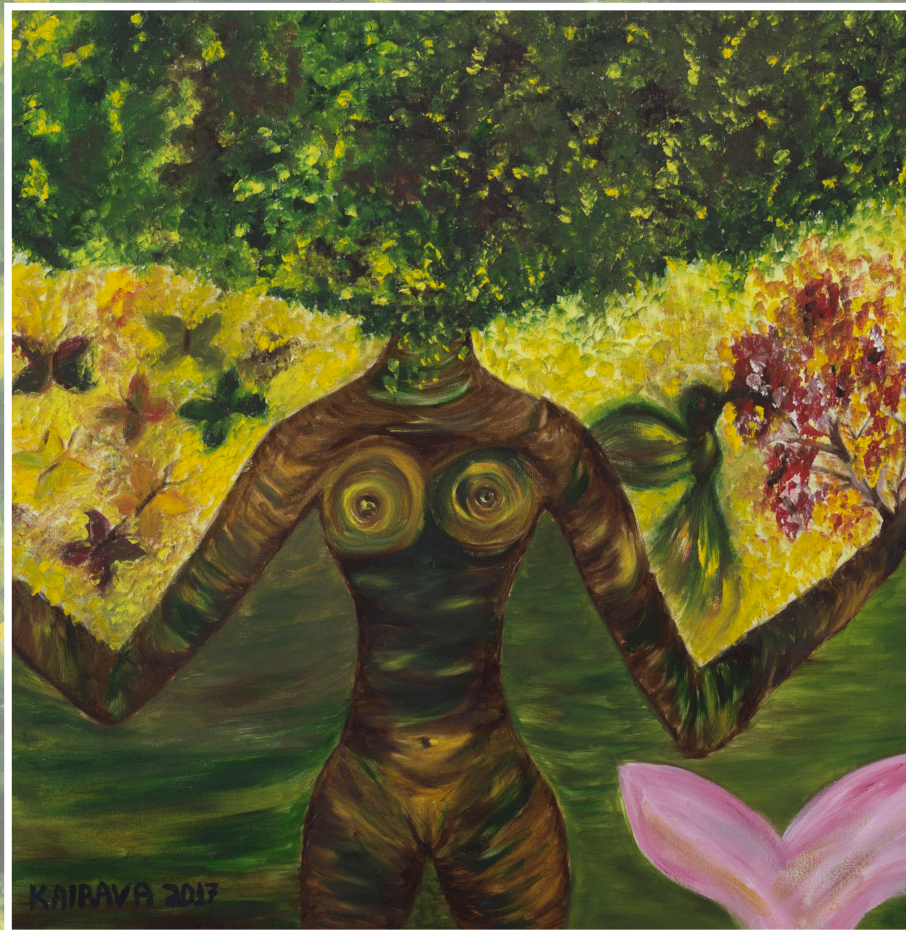
Busco em ti minha verdade
Doce beldade
Por que judias de mim?!
Anjo, cupido e querubim

Se meu nome é teu brilho
E em ti não me vejo
Onde me escondo?
Senão em meus próprios desejos...



Capítulo 3

Alma nua



Segundo preceitos xamânicos, a água é o símbolo do espírito, que nos ajuda a ver a vida num contexto mais amplo. Assim, a partir da revelação da índia Tainara, pude conceber uma nova visão sobre a sucessão de eventos observados. Todas as sensações, bem como a simbologia subjacente, começaram a fazer sentido, tornando a minha missão com um significado e propósito mais claros. Devo empenhar o meu talento na busca do bem estar dos seres vivos e na preservação da natureza e de todos os seus recursos. A floresta Brasil e a magia da dança e da poesia.

Floresta Brasil

A flora e a fauna em festa
Toda a floresta e sua exuberância
“O espírito dos pássaros e das
Fontes de águas límpidas...”
A tribo e a terra em comunhão!

Cada palmo do planeta
Todo o gameta vibra a sua essência
“Eu já sonhava com a cor e
o tom de algum país...”
Cada ser traz o dom da criação!

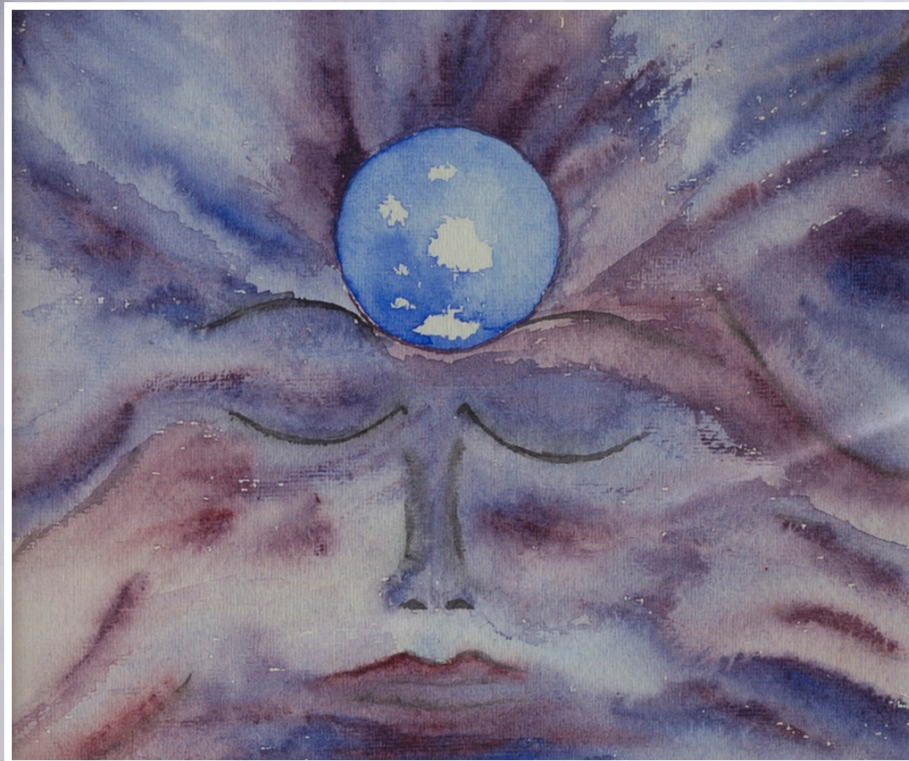
Aqui e por toda a parte
É a arte que brota em abundância
“Por um mundo de paz
Cuidar das florestas e dos animais...”
Uma nação unida pela comoção!

A magia da dança e da poesia

Abracadabra, as palavras têm magia
Abraço e danço alegre com a poesia
(o mágico e a dançarina trocam passos)
A arte dá seu ritmo, exhibe o conteúdo
Assim, do aparente nada, aparece tudo.

Morre aos poucos todo aquele,
Cuja alma já não mais se encanta
Por toda emoção que transborda no corpo
Nas palavras e nos sentidos...

Abracadabra, o truque é pura utopia
Abro o coração no êxtase da alegria
(o ilusionista e a bailarina num duelo)
A ribalta ilumina cada estrofe erudita
Ao fim, a cena nos acena e ressuscita.



Da clarividência veio o despertar e
eu estava transmutado em poesia.
A feiticeira agora era como um
oráculo que me respondia com estesia o que
mais me valia como o pecúlio. Porque na
arte nada é sem razão.

Oráculo

O que me atrai é a emoção
E a beleza irrestrita
Da arte da palavra escrita

O verbo e o vernáculo
Do meu interno oráculo
Onírico no cerne da questão.

Estesia

O sentido do que quero dizer
Comovido pela minha poesia
Segue sendo o menos importante...

O motivo pelo qual alguém me lê
Entretido em alvissareira estesia
Sempre será um mistério fascinante.

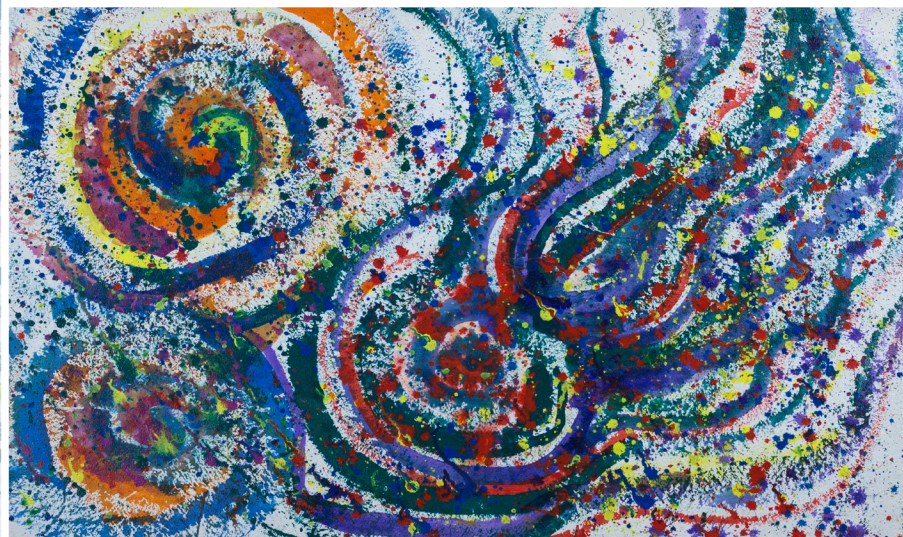
Peculium

Há riquezas
e a que me seduz é a extrema
sem avareza
e o que me traduz é o poema.

Sem Razão

Então a arte chega e logo me contagia
Com o seu ar de puro encanto e magia
Como aroma que inebria e me aquece
Feito a Roma antiga, jamais se esquece.

Assim como alguém te acena comovido
Numa cena sem que haja nada parecido
É essa coisa abstrata que em nós aflora
Poesia que trata do que a razão ignora.



Eis que o retorno pelo portal mágico,
se deu por meio da poesia e da em-
patia pelas formas de libertação do
ser, à despeito de toda angústia preconizada
por Sartre, e no encanto pela aliteração dos
versos.

Sartreano

Existem tantas formas de dizer as coisas que eclodem
de meu peito sempre que a emoção me transborda
De tal sorte que talvez seja difícil resumir num poema
toda essa minha inquietude e a premência criativa!

Cultivo umas ideias que foram semeadas no solo fértil
da mente por empatia ao propósito da existência
Diante do contexto, escolho as razões que precedem
meus atos, enquanto um ser ainda em construção...

Permaneço na condição humana, sem a natureza divina
que determine as escolhas ou imponha o caminho
Logo, a essência advém das ações e delas toda angústia
da culpa ou pecado por ser condenado à liberdade.

Aliteração

O dom do som
Ao ornamentar a ideia
No contexto literário
Paira para além
Das intenções subjacentes

Na plena interação
De rima e métrica
Ritmo e estêtica
Eis que a pena apenas segue
A mão voraz do poeta

Assim, da assonância
Sua constância define
Todo bailado fonético
E a dança alcança a harmonia
Que a obra exhibe à vista

Flagrante está na imagem
O adorno da aliteração
Nos matizes da linguagem
Em cada sacada da arte poética
A pictórica miríade de cores.



De volta ao mezanino e motivado para a prática de uma estética de arte solidária, sinto-me de alma nua e mãos limpas, sendo grato à vida com todos os seus mistérios. Nesse exato momento, lembrei do artesão que concebera o portal de madeira. Um senhor de meia idade, ambientalista, engajado politicamente e por mim identificado como guru dos mangues.

Alma nua



Que nada nos distraia
Nem o aplauso, nem a vaia
Que nada nos iluda
A fê insana que não ajuda
Que tudo seja pleno
Um ser audaz de tom ameno
Que tudo seja claro
De alma nua, eu me declaro:
Que nada vale tanto
Nem o poema e o seu encanto
Que nada é divino
Lágrima e suor regam o destino
Que tudo é passageiro
Até a vida, no sopro derradeiro
Que tudo também continua
Emana a vibração da alma nua.

Guru dos mangues

Ainda que tu andes
Dos pampas ao Himalaia
Da cordilheira dos andes
“O siglas por la playa...”

Carregas este ideal
Da tal sociedade justa
Cada ser a ser igual
“A mi también me gusta...”

A quem à natureza alude
Fauna, flora e atmosfera
Se conceda a juventude
“Por la vida entera...”

Arte sã, a alma da lenha
O guru expõe sob medida
E tudo seja, e nada tenha
“Gracias a la vida...”



Ao fim, a “realidade” me atinge contundente. Aqueles e aquelas por quem se nutria grande admiração, são seres imperfeitos em evolução. Não nos cabe prévios julgamentos ou punições apressadas. A jornada da vida está logo adiante, e cada um carrega em si os seus lobos famintos, suas fraquezas e a tristeza da própria existência. É desse instinto do animal humano, das feras que se digladiam antagônicas em seu interior, que concebo todo o feitiço do ser.

Instinctus

E todo aquele que age sem refletir
Seguindo o impulso visceral
É como um animal prestes a fugir
Da cela que o tolhe brutal...

Insanos arroubos da armadilha
Quando a lua insinua e entorpece
Humanos, os lobos da matilha,
Que o instinto estimula e aparece

Em cada ser grávido de angústia
As feras se consomem na disputa
E sob o céu, eivados da moléstia
Na magia do feitiço, arma arguta



Deus disse

Deus disse: Vou ajeitar a você um dom:
Vou pertencer você para uma árvore.
E pertenceu-me.
Escuto o perfume dos rios.
Sei que a voz das águas tem sotaque azul.
Sei bolar cílio nos silêncios.
Para encontrar o azul eu uso pássaros.
Só não desejo cair em sensatez.
Não quero a boa razão das coisas.
Quero o feitiço das palavras.

Manoel de Barros

